O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 26 DE SETEMBRO DE 1909 | N.º 1:327

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Mão anonyma corta d'um jornal, que diz ser o *Noticias de Coimbra*, a seguinte local, que nos envia:

Educação civica

Da *Gazeta da Figueira*:

«Ha trez dias, n'um animatographo do Bairro Novo, uma mulher qualquer, depois de exhibir no palco differentes trabalhos, mostra por fim aos espectadores as bandeiras de diversas nações, fortemente illuminadas por fogos electricos.

Ao apparecer a *bandeira franceza* parte das bancadas da geral uma vibrante salva de palmas, e a bandeira tricolor é enthusiasticamente recebida.

Apparece em seguida a *bandeira nacional*, e as mesmas bancadas acolhem o symbolo augusto da patria com uma estrondosa pateada...

Em que paiz civilisado do mundo alguem ousaria praticar acção tão baixa e deprimente sem que a indignação geral lhe castigasse a estupida ousadia?

Um povo que assim manifesta os seus sentimentos patrioticos, e que taes provas dá de educação civica, é um povo condemnado sem appelação.

Registamos o facto como mais um symptoma apenas da desorientação dos espiritos, e da desorganisação que lavra por toda a parte, e que irremediavelmente nos vae arrastando para a liquidação final...»

O facto a que se refere o nosso presado collega figueirense não é caso unico.

A primeira vez foi praticado no Colyseu de Lisboa e d'ahi passou á provincia, onde se tem repetido.

Em Coimbra tambem já se fez.

Querem talvez que tomem por *patriotas* os que assim vilipendiam a bandeira nacional!...

Que vergonha!

O correspondente anonymo de Coimbra commenta, dizendo:

Aqui os pateantes eram republicanos. Foi n'um espectaculo no Theatro-Circo. Na Figueira, naturalmente, foi a mesma gente.

Pois é claro, foi a mesma gente. Quem havia de ser? Os anarchistas não applaudem bandeira nenhuma. Não applaudiam a bandeira franceza para patear a bandeira portugueza. Não teem familia. Não teem patria. Não teem coisa nenhuma. Não amam patria, não amam familia, não amam coisa nenhuma. Amam o seu torpe egoismo, disfarçado sob a transparente capa hypocrita do humanitarismo. Amam a ociosidade, amam o vicio. A não ser um ou outro doido, que não sabe dizer, nem ninguem, o sentimento que o guia.

Os anarchistas não applaudiam a bandeira franceza para patearem a bandeira portugueza. Ou pateavam as duas ou não pateavam nenhuma.

Alem d'isso em Portugal não ha anarchistas. Toda a demagogia portugueza se congloba sob o estandarte da republica. Esse tem sido um dos maiores erros, um dos maiores crimes, digamos o nome proprio, dos dirigentes da *democracia* portugueza. Os dirigentes da *democracia* portugueza nunca tiveram outro espirito senão o espirito de quadrilha. Em muitos, consciente. Em alguns, inconsciente. Mas espirito de quadrilha em todos elles. Se ha excepções, não abrangem ellas meia duzia.

Guiados pelo espirito de quadrilha, e só pelo espirito de quadrilha, o seu objectivo unico tem sido, e é, a proclamação da republica. E' o seu objectivo. E' o seu fim exclusivo. Tão absorvente, tão cego, que não olharam nem olham a meios para o conseguirem. Proclamavam a republica com o clero? Seriam clericaes, elles que tanto combatem agora o clericalismo. Proclamavam a republica com o exercito? Seriam militaristas, elles que tentam esconder, sem o conseguirem, o seu odio ao exercito, porque o exercito lhes não tem satisfeito a sua ancia do poder.

Seriam tudo. Seriam clericaes, ultra-clericaes. Seriam militaristas, ultra-militaristas. Conservadores, ultra-conservadores.

Mas faltavam-lhes as qualidades primaciaes indispensaveis para arrastarem as classes conservadoras. Faltava-lhes tino. Faltava-lhes illustração, conhecimento dos problemas da vida moderna em geral, e da vida portugueza em especial. E, sobretudo, faltava-lhes caracter. O caracter que dá a revolta sincera contra tudo quanto é especulação, quanto é hypocrisia, quanto é mentira, torpeza, vicio ou crime. O caracter que dá o amor profundo da seriedade, da verdade. O caracter que dá convicções, que dá principios.

As classes conservadoras são pouco impulsivas. Pouco dadas a devaneios, a exaltações de momento, a theorias. Só vão atraz de quem lhes dá garantias de seriedade e tino. Os republicanos, os dirigentes republicanos, não tinham estas qualidades. Ninguem as teve nunca no partido republicano. Nem José Elias, que possuia, talvez mais do que nenhum outro, o espirito de quadrilha. Tinha uma certa ronha, uma certa habilidade, mas a ronha, mas a habilidade da quadrilha. Não se impunha por uma grande convicção nem por um forte caracter. Era um quadrilheiro, com fundo romantico de liberdade. E como quadrilheiro Fontes o definiu admiravelmente na celebre phrase historica: *Se José Elias não existisse, seria preciso inventa-lo.*

De facto, seria preciso inventa-lo! Elle punha na esteira das quadrilhas monarchicas a vaga corrente de emancipação, de aspiração a *bom governo*, de regeneração nacional, que na sociedade portugueza despontava. N'outras mãos, essa corrente mal definida *definia-se*, orientava-se, tomava corpo, impunha-se u'uma aspiração methodica e exacta de reforma de processos e costumes, e a monarchia estava perdida. Porque, faça-se historia verdadeira desde já, o que até agora salvou a monarchia foi o partido republicano ter-se denunciado a *peor das quadrilhas*. Se o partido republicano se tem revelado *um partido* em vez de se revelar uma quadrilha, a adhesão das classes conservadoras tinha sido certa, em grande parte, e a monarchia, no primeiro conflicto grave que surgisse, e alguns surgiram, não graves, mas gravissimos, estava perdida.

Ora o primeiro que incutiu no partido republicano espirito de quadrilha foi José Elias. Era o que tinha *mais habilidade* politica. E era o que tinha mais *espirito de quadrilha*. Duas qualidades para emmanquecer o partido que nascia. E o virus viria a germinar, a desenvolver-se com tanta maior facilidade quanto o meio, pelo atrazo nacional, atrazo moral, atrazo mental, lhe era propicio.

José Elias poderia contrariar o virus, enfraquece-lo, por uma obra sã de hygiene. Levando os elementos honestos do partido republicano a fortalecer o meio com boa educação, bons exemplos, bons principios. Fez o contrario. E se Fontes não teve inteira previsão, suppondo que José Elias seria a salvação da monarchia, pelo menos viu perfeitamente que elle era o melhor homem para fazer do partido republicano uma *verdadeira quadrilha*.

Se José Elias não existisse seria preciso inventa-lo. Inventa-lo para salvar a monarchia. Ou, pelo menos, para continuar o triste destino, — se é esse, como parece ser, ha tres seculos, o destino, — da anniquilação d'este povo como povo independente, quando não tanto, como povo civilisado e progressivo.

Nenhum chefe republicano, pois, nenhum dos dirigentes, teve as primaciaes qualidades necessarias para attrahir as classes conservadoras. O que restava? Fazer obra com a plebe, estabelecer a demagogia. Obra facil, aliás!

O partido republicano era e é um partido burguez. Cada vez mais um partido das classes conservadoras, cada vez mais um partido burguez. Tanto mais conservador, tanto mais burguez, quanto mais se desenvolve no mundo o collectivismo, o syndicalismo, o anarchismo, todas as fórmas do socialismo, ou, por outra — permitta-se-nos o termo — do *revolucionarismo*. Fazer obra com a demagogia era uma dupla asneira. Era não só affastar as classes conservadoras, as que teem ainda a *maior força* n'este paiz pouco invadido pelo industrialismo, portanto onde não existe um grande proletariado, classes conservadoras, que são a base, o eixo, a pedra angular do regimen republicano, como dar *auctoridade* e *direitos* á demagogia para se tornar uma força terrivelmente dissolvente, um embaraço formidavel, uma vez, por qualquer bamburrio, a republica proclamada.

Mas no partido republicano *nunca ninguem viu isto.* Nunca! Ninguem!

Uma vez — já o contámos, ha annos, n'este jornal — visitámos em Coimbra José Falcão. Pois ficámos horrorisado com o que ouvimos a esse homem, que o partido republicano ainda hoje considera como o seu maior vulto politico! Esse homem era verdadeiramente um demagogo. E é exactamente por isso que a demagogia o exalta a toda a hora. Não tinha o senso do meio, nem das circumstancias. Sincero, cremos nós. Mas um perfeito demagogo. Nós, então um rapaz, diziamos-lhe que não havia meio de fazer a revolução com as *camadas profundas* da nação. Que não podiamos, nem deviamos, appellar para a *desordem*. Que as forças com que o partido republicano contava no exercito eram simplesmente as forças da indisciplina. E que essas só por um mero acaso, por um acto muito feliz, podiam dar o triumpho. O mais pequeno obstaculo, o menor attricto as faria tombar e sossobrar desastradamente. Que era jogar forte em jogo de azar. José Falcão exaltou-se, irritou-se quasi, e clamou que não, que era dos soldados, dos sargentos, no exercito, do povo, do baixo povo, no resto do paiz, que havia a esperar a revolução. Que eram esses os nossos elementos. E que ou faziamos com esses a revolução ou que a não fariamos nunca.

Eu pensava então o que penso hoje. Embora a edade e a experiencia tenham modificado os meus processos, eu já então defendia os processos que, com mais methodo e mais accentuadamente, hoje defendo. E Affonso Costa e quejandos eram os discipulos de José Falcão e ficaram, como elles o dizem, e dizem bem, á parte a honestidade pessoal, que José Falcão era pessoalmente honesto, os seus continuadores.

Foi testemunha da scena que deixo descripta Jacintho Nunes, que me acompanhava. Por signal que lhe ouvi então um dicto intelligente. "Este homem, disse-me elle á sahida, falando de José Falcão, vê a sociedade portugueza... atravez da sua vidraça! „

Era um demagogo convicto, esse José Falcão, o defensor da communa de Paris. São demagogos inconscientes e imbecis, os outros quasi todos. No emtanto, todos *demagogos*, e esse é que é o facto importante.

Todos demagogos.

Foram os republicanos, sim, que applaudiram na Figueira, que applaudiram em Coimbra, que applaudem em toda a parte a bandeira franceza, e que na Figueira, em Coimbra, em Lisboa, em toda a parte, deram e dão pateada á bandeira portugueza.

Não podiam ser outros. Não chegâmos a contar, se quizermos contar, meia duzia d'anarchistas independentes. Ha cinco ou seis duzias de socialistas no paiz, trabalhando a serio na propaganda do seu credo. O mais é tudo cambada. Tudo uma mixordia. Tudo uma corja. Sem outro ideal que não seja o da desordem, o da ociosidade, o do vicio, o de comer e gosar sem trabalhar.

E' a escoria vil, d'alto abaixo, de Affonso Costa a Pechuga, de Padua Correia a Petiz das Gravatas, Motta ou Pintor. Não ha um só sentimento nobre n'esse enxurro. Nenhum principio elevado os domina. A republica é para elles, todos elles, um instrumento, como a navalha com que rasgam a algibeira ou as entranhas da sua victima. Como a gazua, com que penetram na casa do conhecido ou do desconhecido, do indifferente, do amigo ou inimigo.

Deus os fez, Deus os juntou. Eu admiro muito, já o sabem os leitores, a sabedoria das nações. Esses Pechugas, esses Petizes seriam inteiramente incompativeis com os dirigentes e chefes do partido republicano portuguez, e estes incompativeis com aquelles, se todos, mais ou menos, não fossem Pechugas e Petizes. A bestialidade que urra nos comicios, nas ruas, nos theatros a patear a bandeira portugueza, causaria indignação ou nojo aos *guias espirituaes* do partido republicano portuguez se estes, como aquelles, não urrassem nos jornaes, na tribuna da conferencia ou do comicio, não pateassem, tambem, ou não tivessem vontade de patear, a bandeira portugueza. E que teem vontade de a patear, e que são capazes de a patear, e que são elles que açulam os baixos sentimentos, os maus instinctos de uma plebe criminosa e ignara, demonstra-o a *Lucta*, mais uma vez, a propria *Lucta* que quer passar por *delicada*, na argumentação estupida com que na ultima quarta feira justificava, ou tentava justificar, os attentados brutaes e os desrespeitos á bandeira portugueza.

Não pode ser. Contra isto só ha um recurso, temo-lo dicto muita vez. A mais severa repressão, para já. E uma intelligente, systematica, persistente, continuada e profunda educação para o futuro.

Não pode ser. Os primeiros a berrar contra a falta de ordem, de auctoridade, de respeito na sua casa, se lá vissem isso, seriam esses mesmos anarchistas, que prégam a falta de ordem, de auctoridade, de respeito... na casa dos outros. Vá lá alguem entrar-lhes em casa, de chapéo na cabeça. Vá lá alguem offender-lhes as suas *manias*, as suas *exquisitices*, as suas *crenças*, os seus *idolos*, que ninguem tem mais idolos do que elles, por mais que digam que não teem idolos. Vá lá alguem dirigir-lhes na rua uma chufa, ou um dictinho. E' logo tapona tesa. E' logo... porrada e agua á jarra.

Pois eis ahi o remedio! Infelizmente, não ha outro.

O que matou estas gerações ignobeis, estas gerações petulantes e atrevidas, asnaticas, ridiculas, distinguindo-se unicamente por essa petulancia, esse atrevimento, essa asneira, esse ridiculo, estas gerações ociosas, vadias, pelintras, que teem arruinado o paiz, cobrindo-o d'opprobio ao mesmo tempo, foi, sobretudo, a falta de palmatoria nas escolas. Acabou a palmatoria nas escolas, acabou a palmatoria nas familias, proclamaram-se todos os principios de licença, deixou-se o menino e a menina á redea solta, e resultou este torvelinho, este pandemonium, esta dança macabra em que vamos para o abysmo.

Urge restabelecer os bons principios. Urge affirmar energicamente o senso commum, que anda fugido d'esta terra ha muito tempo. E' preciso metter o juizo na cabeça d'esta gente. E' indispensavel pôr termo a esta demagogia infame, vergonhosa. E isso já não vae senão a pau. Infelizmente. Mas ja não vae senão a pau.

Pois seja. Mas sabem? E' preciso começar pelos governos. Rei fraco faz fraca a forte gente. Mas gente forte faz forte o fraco rei. A inversa tambem é verdadeira. Principalmente hoje, que, bem ou mal, a soberania reside no paiz e não no rei.

Gente forte faz forte o fraco rei. E' preciso coagir os governos. E' preciso começar por castigar a covardia dos governos. E' preciso que um medo maior que o medo da demagogia force os governos a cumprir o seu dever.

Isso está nas mãos do paiz. O paiz começa a correr a pau os republicanos. Que complete a sua obra acabando por correr a pau os governos.

Parece difficil? Pois é facil. São escusadas revoluções. Basta energia. Basta firmeza.

Correr a pau a demagogia, por esse paiz além, é licção proveitosa e eloquente. Mas não esquecer que a fonte da demagogia está, ha muitos annos, nos governos.

Não esquecer!

Tarde piaste

Falando no *Centro Bazilio Telles* (tambem este já tem centro) e referindo-se ao conflicto travado por esse paiz fóra entre monarchicos e republicanos, dizia no domingo Bombardino Rachado:

Ora, nós, ainda que possamos levar a melhor n'estes conflictos, ainda quando por fim elles venham pelo seu escandalo a indignar os proprios monarchicos-liberaes, contra os reaccionarios, devemos procurar evitál-os. Queremos convencer e não vencer. Fazemos propaganda, não escaramuças. O paiz reclama anciosamente socego; paz. E é preciso que elle veja que só o Partido Republicano é capaz de lha assegurar com a proclamação da Republica.

Tarde piaste!
Á la guerre comme à la guerre, é que é. Então agora já quer paz? Bem te entendemos, anjinho! *Á la guerre comme à la guerre*, é que disseste, todo ancho, depois da morte do rei.
Então... *à la guerre comme à la guerre*, Bombardino.
Á la guerre comme à la guerre.

PROPAGANDA PELO FACTO

Segundo annuncia o orgão da Margarida das Flores, um *cacique* de Cezimbra tenciona receber hoje os republicanos, que vão em *incursão* áquella cidade, a cacete.

Mas é a *propaganda pelo facto!*

Então o Affonso, o Margarido, o Padua, todos, não estão fartos de aconselhar a *propaganda pelo facto?*

Eis ahi a *propaganda pelo facto!*

Tribuna

Antes de continuarmos accentuemos bem que na Allemanha a primeira condição é... ir á escola. Já toda a gente sabe isto. Mas é bom insistir. N'este paiz tudo esquece. E depressa esquece. A primeira condição é ir á escola. Condição indispensavel! E vae-se á escola a *bem ou a mal*. Não pode ser a bem? E' a mal. Ora vejamos o que diz Jules Huet, no seu já citado volume *Rhin et Westphalie*:

Depuis 1882, nous avons en France une loi sur l'obligation de l'enseignement, qui ne fut jamais appliquée, parce que, d'un côté, elle ne prévoit aucune sanction sérieuse contre les délinquants, et que, d'autre part, son application est laissée à des mandataires du suffrage universel qui, pour conserver leur popularité, se refusent à se servir des faibles armes forgées par le législateur.

L'Allemagne a aussi ses lois sur l'obligation, mais elle les applique rigoureusement, à grand renfort d'amendes et avec l'aide de la police qui, pour en finir, va chercher les réfractaires jusqu'au domicile de leurs parents et les amène de force à l'école. On cite, d'ailleurs, les cas où cette supprême contrainte est devenue nécessaire. L'Allemand, né docile, a appris á considérer dans la vie deux sortes d'obligations également supérieures: l'école et l'armée. Il compte les «années d'école», comme il compte les «années militaires».

Ces années d'école sont pour lui beaucoup plus longues que pour nous. En France, à treize ans, l'enfant se voit libéré par la loi de toute présence scolaire. Ici, les classes d'adultes sont obligatoires. Tous les garçons de quatorze à dix-sept ans doivent suivre, une foi par semaine l'été, deux fois l'hiver de cinq à sept heures du soir, les cours établis à leur intention dans les écoles publiques. Et ils y viennent. Leurs patrons sont ténus de leur donner la liberté une demi-heure—ou davantage si nécessaire—avant l'heure du cours, afin qu'ils aient le temps de s'approprier et de faire le chemin. Ils doivent aussi leur payer les heures passées à l'école; sinon, les amendes et le reste pleuvent sur eux. Dans ces cours d'adultes, les élèves, répartis en classes distinctes, se groupent par corps de métiers, et l'enseignement diffère suivant les professions. On y perfectionne leurs connaissances générales, mais surtout on leur donne des notions utiles à l'exercice de leur métier, des rudiments d'histoire, de législation du travail, d'assurances sociales etc...

Et si quelque adulte, manquant de zèle et rebelle à la loi, ne répond pas à l'appel, il est poursuivi sans pitié, accablé d'amendes et de *retenues*. De retenues, parfaitement. Le jeune homme de seize ans, qui gagne sa vie depuis deux ans, et qui, se croyant un homme, refuse de suivre la *Fortbildungschule*, est, pour les trois premiers manquements, passible d'amendes de 20 et 40 pfennigs, puis, au quatrième, est appréhendé par la police, amené à l'école le diamanche, et retenu au cachot toute la journée! La ville de Mayence a encaissé 700 marks, l'année dernière, du fait de ces contraventions.

N'um bello livro *L'Allemagne Au Travail*, sobre o qual voltaremos mais detidamente a falar em occasião opportuna, diz sobre o mesmo assumpto Victor Cambon:

Le voyageur qui traverse l'Allemagne est généralement frappé de ce qu'aucune maison isolée ne s'élève à travers les terres cultivées. Les habitations rurales sont groupées en des agglomérations assez denses, formant parfois de vraies petites villes.

Il ne manque pas d'attribuer cet état de chose à l'esprit d'association si développé dans la race germanique qu'un homme vivant isolé de ses semblables lui paraît une anomalie.

Mais il y a une raison autrement péremptoire. La plupart des gouvernements allemands interdisent la construction d'habitations éloignées du centre des villages pour ce motif, avoué et accepté de tous, que les enfants, par les mauvais jours, seraient exposés à manquer l'école.

Ainsi, le culte pour l'instruction est tel qu'on lui sacrifie, de propos délibéré, une des libertès primordiales du citoyen. Inutile d'ajouter que les parents sont responsables du plus ou du moins d'assiduité des enfants à l'école. Toute absence accidentelle doit être justifiée; faute de quoi, le père encourt une sévère pénalité impitoyablement appliquée.

Les chefs d'industrie qui ont des usines en pleine campagne et y logent quelques contremaîtres ou ouvriers, doivent assurer aux enfants de ces derniers le transport en voiture jusqu'à l'école la plus voisine.

Si l'agglomération ouvrière est plus importante, une école publique y est créée, ordinairement par les soins et avec la subvention du patron.

Ce régime qui oblige les cultivateurs à vivre en demi-citadins relève sensiblement leur intellectualité; ils trouvent dans cette agglomération tous les éléments d'une vie sociale complète: lieux de réunion, journaux, cafés, bibliothèques, associations de toutes sortes; on objectera qu'ils sont obligés à de longs parcours pour se rendre aux champs qu'ils cultivent; mais, le plus souvent, des chariots ou des voitures les y transportent, et, d'autre part, les facilités d'existence que leur offre la vie au milieu de leurs compatriotes et de tous les fournisseurs dont ils ont besoin compensent largement cet inconvénient. Leur tenue s'en ressent; l'on distingue difficilement en Allemagne, un paysan d'un ouvrier endimanché, et surtout, on n'y rencontre point, comme dans certains départements reculés de la

France, de ces êtres d'aspect sauvage, aux accoutrementes inexpressibles, vivant seuls dans des chaumières perdues, à la façon d'hommes préhistoriques.

Résultat de cette législation et de ces mœurs: il n'y a pas en Allemagne un millième d'illettrés. Mais cette constatation me paraît insuffisante. Il importe peu qu'un homme ait appris à lire, si, sa vie durant, il ne lit jamais. Or, on voit des journaux et des livres dans les mains et dans la demeure des Allemands de toutes les conditions.

Ex-Dantas Borracho

O sr. Dantas Baracho fala no orgão da *Margarida das Flores*, do qual é condigno redactor, dos escarros que a esmo nos cahem em cima e no dever que lhe impõe a honra de nos desprezar.

O sr. Dantas Baracho esqueceu-se de accrescentar que esses escarros os recolheu elle nos prostibulos e nas tabernas onde passou e consumiu quasi toda a sua vida de official do exercito, e que a honra de que elle é symbolo e portador é a honra da Margarida das Flores e do *souteneur* do França Borges.

Foi nos prostibulos, foi nas tabernas, em camaradagem com Margaridos e Margaridas de toda a ordem, dando publicos espectaculos de depravação e vicio, chegando a entrar a cahir de bebedo na camara dos deputados, celebrisando-se *a querer mijar no presidente*, e por outras manias egualmente pittorescas, que por entre gargalhadas de ociosos e malandrões d'um extremo ao outro do paiz eram contadas, conhecido e tratado em todos os jornaes satiricos da epocha por *Dantas Borracho*, que o sr. Dantas Baracho adquiriu os titulos que levaram a *aurora da redempção* a consagra-lo como Bayard—*le chevalier sans peur et sans reproche*— do cavalheirismo nacional. Onde Affonso Costa é João de Castro, e França Borges Egas Moniz, Cunha e Costa, Arthur Leitão, Padua Correia, o *Trinta*, Ribas d'Avellar, e tantos outros, cavalleiros da Ordem de Malta, não podia Dantas Baracho deixar de ser Bayard.

Se alguem com justiça mereceu até hoje n'este paiz ser reformado por *incapacidade moral*, esse alguem é Dantas Baracho. Dantas Baracho impune, Dantas Baracho anichado em commissões, como esteve longos annos da sua vida militar, deputado, amimado, festejado, e outros pobres diabos a levarem pontapés e a soffrerem castigos nos regimentos por acções muito menos deshonestas, por vicios muito menos accentuados, e, em qualquer caso, por actos muito menos escandalosos, é um dos documentos mais vivos e frisantes da iniquidade nacional.

Dantas Baracho, sem nenhuma auctoridade moral, com um passado vergonhoso, verdadeiramente um mediocre pelo lado intellectual, a bater o pé n'este paiz a ministros, a pares do reino, a deputados, a magistrados, a generaes, e tudo a tremer deante d'elle, é a prova mais eloquente, mais esmagadora da covardia nacional. Dantas Baracho, com tudo isso, e ainda n'um jogo bifronte com monarchia e republica, afastado da monarchia porque o não fizeram ministro da guerra, e sem se declarar republicano porque... lhe convinha e convem ser republicano e monarchico, com tudo isso erguido ás honras de Bayard, a symbolo do cavalheirismo nacional, pelo partido republicano, é a milesima prova de que esse partido não passa de uma edição correcta e augmentada da podridão monarchica.

Covardes, devassos, miseraveis! E são esses os que nos chamam, a nós, ... desqualificado!

Engula esses escarros, sr. Baracho. Quando nos vir fugir de si, como tem fugido toda a gente n'esta terra, quando nos vir tremer deante de si, como teem tremido todos os fanfarrões nacionaes, quando nos ouvir, com medo de si, d'alguem ou de qualquer coisa, pedir desculpas, voltar as costas ou retratar-nos, seja na rua seja nos tribunaes, e pesem sobre nós os perigos e responsabilidades que pesarem, então cuspa, que talvez, por menos auctoridade que lhe assista, tenha então alguma razão e auctoridade. Mas emquanto não o vir nem ouvir, quem, á face da justiça, da razão, do bom senso, da verdade, com um passado de trabalho, de sacrificio, de honestidade, tem auctoridade para cuspir e desprezar, somos nós.

Somos nós, sr. Baracho!

Para o cuspir, para o desprezar, e para nos rirmos de vermos um campino do Ribatejo, temperamento e intelligencia de guardador de chocas, feito, de braço dado com o rufio França Borges e com o grosseiro gatuno Affonso Costa... paladino do duello!

Offenbach, auctor da *Gran Duqueza de Gerolstein*, que não conheceste Portugal!

P. S. — Apparece-nos n'esta altura o orgão da Margarida das Flores com nova prosa do ex-Dantas Borracho.

Continuas? Pois continuaremos tambem nós, Dantas Borracho.

Ameaças? Foi sempre o nosso melhor estimulo, a ameaça.

Mettes medo a cem? Deves metter. Foi sempre a tua arma, Dantas Borracho. Como, aliás, a arma e o recurso de todos os valentões d'aldeia. Pois a nós não nos mettes medo. Nenhum!

Uma vergonha nacional. Esse homem é, sob todos os aspectos, mais uma vergonha nacional. Até sob esse aspecto de valentão. Nunca, em paiz algum, se viu um general, um membro da camara alta, um homem que quiz ser ministro da guerra, que quer ser ministro da guerra, ou, quem sabe? vice-presidente da republica — rival do Leandro— presidente do futuro Senado, presidente do Conselho d'Estado, generalissimo dos exercitos da republica, a *medir forças*, como qualquer fadistão da Mouraria, a *impôr-se pela força*, ainda como qualquer fadistão da Mouraria, a mostrar a sua espada de *valiente* como *argumento decisivo*, ou o seu varapau de guardador de chocas nas campinas do Ribatejo e a fazer tremer todo o mundo, desde o *Zé Maria* até ao chefe do Estado, deante da sua espada de *valiente*, nova especie de navalha de rufio, ou do seu varapau de valentão, com que mata homens nas feiras e pica o rabo das vaccas nas margens do Tejo ou do Sado.

Uma grande vergonha nacional.

A mais espantosa audacia da parte d'um homem que não tem *auctoridade nenhuma*, que, repetimos, teria sido, se aqui houvesse sombras de justiça, reformado por *incapacidade moral* ha muitos annos, e a mais espantosa covardia da parte d'aquelles que o teem aturado, que o teem supportado, que —desculpem-nos os auctores a rudeza do termo—deante d'elle se teem *mijado*.

Uma grande vergonha nacional.

Pois será um *covarde* quem apparecerá, mais uma vez, a castigar a covardia e a liquidar o paspalhão.

ESCOLA INDUSTRIAL

Diz o nosso collega *Progresso d'Aveiro*:

Foi approvado o orçamento na camara dos pares, e com essa approvação foi beneficiada a nova Escola Industrial, por n'elle ter sido incluida a verba necessaria para pagar a dois novos professores.

A regencia das duas cadeiras importa na quantia de 1:200$000 reis. Ha quem pense que no orçamento foram designadas as cadeiras que hão-de ser regidas pelos novos professores.

E' um engano. No orçamento só se incluiu a verba necessaria para pagar aos dois professores. O governo, porem, é que ficou com a liberdade de escolher as cadeiras que devem funccionar, á sombra da nova dotação inscripta no orçamento. Está combinado entre os srs. ministro das obras publicas e o sr. governador civil, depois de ouvidas as pessoas, cuja competencia no caso é incontestavel, que as cadeiras a prover sejam as de physica geral e de chimica industrial, porque são aquellas, cujo ensino mais util é para os alumnos da Escola Industrial, visto que o professor de physica geral, segundo a lei, tem obrigação de ensinar a materia da cadeira de principios de arithmetica e geometria, que tão indispensaveis são áquelles que têm de estndar physica e chimica geral e applicações da chimica á industria.

Assim, só com dois professores são regidas as tres cadeiras referidas, que fazem parte do quadro da Escola, ficando sómente, por preencher, a cadeira de portuguez, que é a unica do quadro mencionado que não é provida. Esta cadeira, porém, é de todas a mais dispensavel porque as noções adquiridas na instrucção primaria supprem, em grande parte, a falta que resulta de não se ensinar o portuguez.

A critica que se faz, portanto, fundada na falta de ensino de geometria e de arithmetica, assenta na mais profunda ignorancia da lei existente.

Se nos ataques aos adversarios, fizessemos politica por esta forma, em que só ha acinte e em que só ha ignorancia, o que não diriam elles de nós? Essas aggressões só serviriam para pôr um destaque o seu triumpho e para fazer valer os seus serviços.

Mas como não podem triumphar e não podem nem sabem servir ninguem, os nossos adversarios, querendo combater o sr. Conde d'Agueda, só conseguem bater em si proprios.

Havemos de falar sobre este assumpto no numero immediato.

Mas quem foi o da critica?
Quem foi o da critica?

A grande quadrilha

A semana passada, recebemos de Coimbra a carta que se segue:

Sobre o famigerado Affonso Costa, vou-lhe contar um interessante caso, dado no decorrer de uma sessão ordinaria da Mesa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, e aqui conhecido por muita gente.

A sessão realisara-se em dia em que o nosso *grande e inconfundivel* parlamentar chegava a Coimbra, ás 7 1|2 da noite, se não estou em erro.

Decorria a sessão, quando um mezario, consultando o relogio, levanta-se, dizendo:

"Tenho qud retirar. Chega agora o Affonso Costa e tenho que ir á *gare*.„

Réplica do provedôr, que ao tempo era o dr. Guilherme Moreira:

"Pois você, José Doria, vae saudar um homem que bate na mãe!„

O mezario, suspenso:

"Essa é nova... não sabia! Já agora vou... prometti comparecer...„

Como V. sr. director, pode prevêr, o caso divulgou-se e foi muito fallado...

Ora eu não lhe posso garantir se o Affonso batia ou não na mãe. Porém, o que lhe garanto é que a "réplica„ do dr. Guilherme Moreira é authentica. Isto foi-me contado por um cavalheiro muito sério, ao tempo tambem mezario, e que assistia á sessão.

Mas não é de crêr que o provedôr se abalançasse a fazer uma tão grave affirmação, se não tivesse a mais plena certeza do facto.

Isto é que não me offerece a menor sombra de duvida. Se você quizer, posso mandar-lhe os nomes dos cavalheiros que, na occasião, como mezarios, assistiam á sessão. Este caso deu-se ha talvez uns oito annos, salvo erro de memoria.

Já que V. assim o deseja, ellucidal-o-hei sobre o cadastro de outros famosos quadrilheiros da republica...

Tenho com que lhe matar a curiosidade durante alguns mezes!!

Verá!

Conheço, como as minhas proprias mãos, a vida dos quadrilheiros.

Confar-lhe-hei coisas *curiosissimas* sobre a vida crapulosa de certas figuras d'aqui, hoje em destaque... D'aqui e de todo o paiz...

Conte commigo.

O auctor da carta não pode garantir, e nós tambem não, que o Affonso batesse ua mãe. Comtudo, dizer-se uma coisa d'essas, e dizerem-no pessoas d'incontestavel seriedade, é caso! E' caso!

Bater na mãe? Uma accusação d'essas não é vulgar. Bater na mulher, bater na filha, bater na amante, ouve-se dizer d'este e d'aquelle a cada passo. Com verdade e com mentira. Não custa ahi mentir tanto. Calumnia-se ahi com mais facilidade. Mas dizer-se d'este ou d'aquelle, com mentira, que bate na mãe, é raro. Muito raro!

Tão raro, e tão espantoso, que, sinceramente o dizemos, apesar d'isso e do Affonso ser um bandido, custa-nos a acreditar que chegasse a tanto.

Mas tem razão o auctor da carta. Dada a origem do boato ha motivo para o registar e attrahir sobre elle as attenções.

Ahi fica registado,

Depois, seria por isso que Bombardino, ainda monarchico, nos dizia com ar tragico, no Museu d'Anthropologia, que Affonso Costa era o peor dos bandidos?

Bombardino dizia isso com ar tragico!

Registe-se. Registe-se sempre. E' possivel que, depois de registado publicamente, se averigue a verdade.

Agora esta segunda carta, tambem recebida de Coimbra, e chegada ha dois dias. Esta, sim, que é certissima.

Registe mais esta bella acção do *incomparavel democrata* Affonso Costa, falso apostolo da derriada democracia republicana em Portugal.

Deve V. saber que, em junho do anno findo, a Camara d'esta cidade, inspirada na vontade popular, unanimemente manifestada em comicio publico, deliberou municipalisar os serviços da tracção electrica, e com esse fim pediu ao parlamento auctorisação para contrahir um emprestimo de 150 contos. Foi por essa occasião a Lisboa uma numerosa commissão, composta de individuos de todas as classes e partidos, incluindo o republicano, apresentar ao parlamento uma representação n'esse sentido. Fallou com os presidentes das duas Camaras, com o chefe do governo, chefes dos partidos e varios deputados. Todos lhe prometteram o mais decidido apoio. Por parte dos republicanos, porém, notou-se uma certa reserva, começando logo a correr que o Affonso Costa contrariaria a vontade do povo de Coimbra...

Começou-se então a querer conhecer a razão de tão extranha attitude, visto que a municipalisação dos serviços era e é um **principio consignado no espalhafatoso programma republicano**...

Veio-se a saber que Affonso era o advogado da Companhia Carris de Coimbra, a qual pedia á Camara 40 contos pela *cedencia* dos seus direitos ao estabelecimento da tracção electrica em Coimbra!!

Foi o rastilho...

Não imagina a indignação publica que se levantou então contra o *insigne democrata!*

Na redacção do "Mundo„, as cartas de protesto choviam de todos os lados, e por tal fórma engrossaram que o homem se viu forçado a deitar *lamuria* na papeleta (consulte este jornal). Entrementes, os protestos continuavam, e n'esta cidade a indignação subia de ponto, pois noticias vindas de Lisboa informavam que os republicanos, por influencia de Affonso, se oppunham a que a Camara dos deputados discutisse a proposta do emprestimo, pois o Ferreira do Amaral não consentia na sua apresentação á discussão, sem primeiro se certificar do accordo de todos os grupos politicos.

Isto corria na cidade e todos vociferavam contra Affonso, fazendo côro os republicanos, que, desesperados pela má situação que lhe era criada, recorreram ao directorio com ameaças de dissolução... Emfim, a proposta foi apresentada, discutida e approvada, mas não sem uma manifesta má vontade do amigo Affonso (veja o extracto da sessão).

Compromettido como estava com a Companhia Carris deitou falla, fazendo lamuria, mas... procurando ardilosamente compromettter a realisação d'este grande melhoramento, porque toda a cidade anciava.

Assim, e n'esse intuito, propoz um *additamento*, pelo qual a Camara não poderia municipalisar os serviços da tracção electrica, e consequentemente realisar o emprestimo, sem primeiro liquidar com a Companhia a *questão da indemnisação pedida*, que, como já disse, era de 40 contos! Dizia elle que, por esta fórma, se evitaria que o municipio de Coimbra se embrenhasse n'uma questão, que o poderia *arruinar* por bastantes annos!

A indignação subiu ao rubro!

Mas..., felizmente, o additamento foi regeitado, porém, não sem ter corrido o risco de ter sido votado. Evitaram-no os deputados d'este circulo, que acudiram a tempo.

Ora, sabe V. a quanto subiu a indemnisação paga pela Camara á Companhia?

Seis contos!

Para *quarenta*—que ella pedia, apoiada pelo grande democrata Affonso!

Que differença!

Se o additamento tivesse sido approvado, a Camara teria ficado manietada, inteiramente inhibida de levar á pratica o grande melhoramento, pois a Companhia, emquanto não lhe désse os 40 contos, não transigiria.

Esse figurão tem a consciencia tão segura de ter cumprido um *grande dever democratico*—que nunca mais voltou a Coimbra!

Falta o melhor da festa—a *massa* a que o insigne e honestissimo democrata fazia jus. Segundo o que geralmente se dizia, a Companhia dar-lhe-ia *cinco contos de reis*, se conseguisse entravar a acção da Camara. Ouvi-o eu dizer a toda a gente, incluindo pessoas da maior respeitabilidade com relações com os magnates que, no Porto, tinham *entendimentos* com os directores da Companhia.

Foi o conhecimento de todos estes factos que deu origem ao escandaloso artigo do jornal local a "Defeza„, artigo vio lentissimo, onde Affonso foi rijamente atacado, e que teve réplica d'este, muito virulenta, no "Mundo„. Aquelle jornal é republicano. Isto, como deixo dicto, passou-se no anno findo, nos mezes de junho e julho. Depois d'isto já aqui se effectuaram varios comicios republicanos. Pois o tratante ainda aqui não voltou!

Eis o grande democrata!

Havemos de consultar o *Mundo*, o extracto da sessão e a *Defeza*. Vale a pena.

Mas olhe lá o correspondente: não creia que os correligionarios de Coimbra se agoniassem pela infamissima, mais essa infamissima *chantage* do Affonso. Não creia! E não crê. Estamos certo que não crê. Vê-se que o correspondente não é tolo.

Não. Os correligionarios agoniaram-se mas foi pela ideia de perderem terreno. Ora eis ahi! Tiveram medo do espirito de regedoria. Não foi a sincera indignação de homens honrados contra um patife. Foi a irritação de quadrilheiros contra um quadrilheiro que n'esse momento *lhes prejudicava o joguinho*.

Quer ouvir? Por este simples facto se convence.

Pouco depois de chegarmos a Coimbra, no periodo que ahi vivemos, precisámos de um reconhecimento de assignatura feito por tabellião. Procurámos um, que passava por republicano e que conheciamos ha muitos annos. O homem não nos levou nada. Voltámos lá, para o mesmo fim, uma ou outra vez, e o homem a prestar-nos sempre os seus serviços gratuitamente. Dissenos um dia que lhe mandassemos o *Povo de Aveiro*. Assim fizemos. Mas, naturalmente, nunca lhe mandámos o recibo.

Por essa forma recebeu o homem o *Povo de Aveiro* uns poucos de annos. Um dia d'estes, veio-nos aqui parar o exemplar que lhe era enviado, *devolvido*. E sabe que exemplar foi? Precisamente aquelle em que se começava a narrar a grande patifaria de Affonso Costa na questão Esteves Ribeiro!

Note: tendo-nos elle dicto, da primeira vez que em Coimbra, depois de n'essa cidade termos estabelecido residencia, nos falou, que Affonso Costa era um desavergonhado. Contando-nos até, com apreciações muito desfavoraveis para o Affonso, a questão d'este com o velho lente padre Chaves.

Não, meu caro, *os correligionarios* de Coimbra não se indignavam por Affonso Costa ser um ladrão. Por sobrepôr, mais uma vez, os seus interesses proprios aos interesses publicos e á honra dos principios. Não, que cada um d'elles, individualmente, com raras excepções, faz o mesmo que fazia, o mesmo que faz o Affonso Costa. O que fulmina o partido republicano, o que o mata, o que o anniquila, o que o afunda é isso mesmo. E' isso mesmo o que o define como uma grande, uma formidavel quadrilha.

Quadrilheiros todos. Prova-lhes alguem que um d'elles é ladrão? Não se indignam contra o ladrão, indignam-se contra quem faz a prova. Mostra-lhes alguem uma infamia? Não se revoltam contra quem praticou a infamia. E' contra aquelle que a denunciou, que a mostrou, que a provou.

Quadrilheiros! Grandes quadrilheiros! Grande quadrilha! E infames quadrilheiros! Porque se ainda ao menos tivessem a coragem da sua infamia... Mas é em nome da *honra* que procedem. Mas querem-nos *á força* convencer que são virtuosos, que são patriotas, que são puros. *A' força*. E quem não os quizer acreditar... está perdido.

Grandes quadrilheiros! Grande quadrilha!

Mas vamos ao resto.

Eis outra carta de Braga:

Li com admiração, embora não com inteira surpresa, a famosa conta apresentada por Affonso Costa na questão Esteves Ribeiro, publicada no ultimo n.º do "Povo d'Aveiro„.

Fiquei mais uma vez edificado acerca das virtudes e mais partes que concorrem no inclito cidadão Affonso, porque realmente essa quantia de 24:500$000 reis, pedida como honorario d'uma só causa, não tem conseguido ganhal-a muitos advogados d'este paiz ao fim de toda uma vida de trabalho n'essa profissão.

Mas não é para apreciar este ponto que escrevo a V.

E' para chamar a sua attenção—apezar de o não conhecer—para uma circumstancia que acho curiosa n'essa carta.

Veja V. a justificação que ali se faz da verba n.º 10.

Então esse conspicuo democrata tinha conferencias com o "*Exm.º Juiz d'Instrucção Criminal*„ mandava-lhe relatorios "e outros trabalhos„?!

Como assim, se a existencia d'aquella judicatura era tão ferozmente combatida pelo partido republicano e por elle proprio—o pantomineiro Affonso—quando se referia a ella em comicios e creio que até no parlamento?!

Então o juiz d'instrucção criminal merecia todos os apodos, todos os epithetos infamantes (elle era o "desembargador-bufo„ e outras alcunhas deprimentes) que n'outras occasiões lhe dirigiu e n'esse momento recorre a elle, pede e acceita a intervenção dos serviços d'essa auctoridade, que fóra d'isso stygmatisava, tem com elle conferencias, envia-lhe relatorios "e outros trabalhos„, designa-o respeitosamente com o tratamento de Excellencia, e tem por fim, depois de tão indigna apostasia, o impudor de apresentar a conta de 400$000 reis para se pagar de tantas vergonhas?

Isso é fabuloso. Verdadeiramente inaudito. Faz V. muito bem em executar um tal cavalheiro de industria.

Isso é um mariola d'alto cothurno!

E é esse um dos que se propõe mudar as instituições para... salvar o paiz!

Se essa mudança se vier a fazer, é preciso impedil-o de collaborar n'ella:—que tal seria a conta que elle apresentaria.

E mais esta, para finalisar:

Pede V. no seu jornal esclarecimentos para a chronica dos quadrilheiros, portanto vou dizer-lhe alguma coisa que não diria se V. não promettesse tambem tomar a responsabilidade e conservar o segredo. Eu posso provar o que disser e provarei, mas calar-me-hia, porque por tão pouco não vale a pena metter-me com tal gente. Já que V. está com as mãos na massa accrescente lá mais esta, se ainda a não tiver publicado:

Quando em 28 de janeiro, pelas 10 horas e 40 minutos da noite se encontravam no Ascensor da Bibliotheca meia duzia de valentes rufios (vá o nome) rodeados d'armas, carabinas, rewolveres, espadas, etc., etc., e lhes appareceu *um* policia, note que foi *um só*, que lhes deu voz de prisão, todos fugiram á excepção do sr. Visconde da Ribeira Brava, mas tambem foi este o unico que minutos depois entrava no Governo Civil com as ceroulas limpas. Os restantes fediam que pareciam peste.

Imagine-se a coragem de quem tanto apregoa força, coragem, valentia e não sei mais quê.

Valentes, sim senhor, valentes! Não sabiamos d'esse facto. Mas já inquirimos. E averiguámos que é verdadeiro. E' absolutamente verdadeiro!

Borraram-se. Mas não se tome o termo em sentido figurado. Borraram-se!

E continuar-se-ha.

Problemas

Trouxémos n'outro dia á discussão dois assumptos importantissimos: a missão do advogado e do medico nas sociedades actuaes.

A verdade é que a civilisação, a decantada civilisação, não produziu ahi, como em muitos outros factores da vida social, resultados apreciaveis. E' a grande verdade.

Por culpa de quem? Propriamente do medico? Propriamente do advogado? Por culpa do medico, por culpa do advogado, por culpa do cliente, por culpa de um conjuncto complexo de circumstancias, de pessoas e de factos.

Os grandes males sociaes nunca resultam da culpa de um só individuo ou d'uma só classe, d'uma só circumstancia ou d'um só facto. O erro é procurar sempre em coisas unicas ou restrictas a origem das desgraças ou dos desastres sociaes,

Fizeram-se codigos que se prestam a todas as chicanas, a todas as alcavalas. Estabeleceu-se o principio de que era licito recorrer a todas as chicanas e a todas as alcavalas. Apregoou-se como mais talentoso, como mais habilidoso, precisamente o que recorreu e a maior chicana, o que usou de maior alcavala. Quando o advogado dizia honestamente ao cliente: "Você perde a questão, a questão é injusta„, o cliente zangava-se e dizia mal do advogado. Unindo a isso a ancia de riquezas que é peculiar do nosso tempo em geral e da nossa terra em especial, tem-se a explicação do abuso espantoso a que se abalançam certos advogados.

Mas o mal não é só do advogado. O advogado faz parte integrante da justiça e toda a justiça está profundamente inquinada em Portugal.

Não podia deixar de ser. Está inquinado o meio. Está envenado o ambiente. Como se ha de respirar bom ar n'uma athmosphera envenenada?

Foi a desmoralisação politica a causa principal da situação deploravel da justiça portugueza. A independencia judicial tornou-se uma mentira, como outras tantas com que se enganam os tolos n'esta patria. Ficções, palavrões e nada mais. O poder judicial a pouco e pouco foi ficando n'uma dependencia absoluta do poder executivo. O magistrado só apanhava boa comarca se o poder executivo visse n'elle docil instrumento das suas vontades. O candidato em concurso de magistratura só apanhava boa classificação se tinha bom padrinho a recommendal-o. As antiguidades dos delegados, em certa altura, foram posta de parte. O bom querer do ministro substituiu a antiguidade, ou, pelo menos, entrou n'ella como o factor de importancia decisiva. Para augmentar juizes, isto é, para dar sahida a juizes, a delegados, a escrivães, emfim, para satisfazer as exigencias dos compadres é afilhados, para crear ou augmentar clientella, e não—eterna mentira—para favorecer os interesses dos povos—crearam-se novas comarcas. Os magistrados ficaram assim, todos elles, velhos e novos, os que existiam e os que appareciam de novo á meza do orçamento, com os seus interesses minguados. N'um regimen de pilha, n'um meio onde o roubo ou se justificava ou era olhado com extrema condescendencia, ou tratado com extrema lenidade, estabelecido o principio do *venha a nós*, acceite como boa a doutrina *cada um governe—se*, o interesse pessoal conjugado com a immoralidade do meio, não podia deixar de produzir resultados deploraveis.

A isso ainda se deve accrescentar a organisação detestavel do jury. O nosso povo não tem cousciencia nenhuma das funcções politicas ou sociaes em que o investem como soberano. Ser membro do jury para eile ou ser membro da junta de parochia é a mesma coisa. Isto é, é com muito mais interesse e com muita mais vontade, e dá muito mais importancia a essas funcções, membro da junta de parochia. A junta de parochia interessa-o. O jury não tem para elle interesse nenhum. O jury é para elle uma maçada. Detesta, como, aliás, toda a gente, aquellas funcções. E isso é meio caminho andado para a asneira. A primeira condição d'exito é a vontade, é a confiança, é o zelo pelo principio ou pela obra que se está cumprindo ou desempenhando. Um jurado sem saber o que é jury, sem amor á instituição, sem comprehender e sem estimar as suas funcções, seria, só por isso, um elemento detestavel no mechanismo da justiça.

Mas a isso junta-se a corrupção, a desmoralisação politica, que se está presenceando. Na junta de parochia como no jury, o cidadão resolve muito mais por empenhos e influencias politicas que por provas de consciencia ou de facto. Nas terras onde o jury é republicano, como em Lisboa por exemplo, os criminosos procuram advogados d'influencia republicana, e o advogado arrasta o jury atraz de si.

Foi mais uma arma d'especulação, mais um instrumento de ganancia posto nas mãos de advogados sem escrupulos.

A questão da justiça é uma das mais graves questões d'este paiz e das que estão reclamando mais cuidado e estudo. Não basta accentuar a ganancia do advogado. A questão é mais complexa. Mais difficil. A jogar com a ganancia e falta d'escrupulos do advogado temos a ganancia e falta d'escrupulos do escrivão, a ganancia, falta d'escrupulos e falta d'independencia do juiz. Seria preciso reformar os codigos, os processos e maus habitos da justiça, pagar melhor aos funccionarios de justiça e elevar o nivel moral do paiz para que suba com elle o nivel moral da justiça. E isto é o mais importante. Por mais que se pague ao paiz e ao escrivão, por melhores que sejam os codigos e processos estabelecidos, sem moralidade geral inutil é esperar a moralidade de qualquer classe ou instituição.

Mas, emfim, d'isso não trata... a nossa *democracia*.

A matilha

Como temos dicto, a matilha até do Brazil arremette comnosco furiosamente. Como tambem temos dicto, só para mostrar o valor moral e intellectual da grande corja registamos os latidos e corremos a pontapés a canzoada vil. Não porque nos façam mal ou incommodem.

Ora vejam como na tal *Patria Portugueza*, orgão do tal *Centro republicano de S. Paulo*, um F. de Carvalho começa um longo artigo, intitulado *Homem Christo*, contra nós.

"Uma geração degenerada pisa os restos de heroes; homens sem crença, blasphemos ou hypocritas, succederam aos que criam na grandeza moral do genero humano e na providencia de Deus.„

Alexandre Herculano, o grande mestre que morreu esquecido e enfastiado na sua quinta de Valle de Lobos, synthetisou perfeitamente n'essas poucas palavras que iniciam este meu escripto, a raça hybrida que no correr dos tempos havia de germinar no seio da nacionalidade portugueza. E' que, Herculano era um grande propheta, e o dom do vaticinio provinha-lhe naturalmente da sua qualidade de lavrador.

Por muito que se monde o campo, sempre o escalracho arrebita por entre a seara virente pretendendo atrophiar a planta productiva e proveitosa. Na alma vegetativa espelhava-se-lhe a alma animal, e por isso elle lamentava em tão sentidas queixas a futura vida social.

Quando o velho litterato, n'esses tempos idos em que escreveu o seu "Monasticon„, já vertia lagrimas pela degenerescencia e indignidade dos homens, que seria se elle tivésse o pouco senso de apparecer hoje cá por esie mundo e deparasse com os Christos da nova geração, que "*correm*„ não a "quebrar„, mas a levantar as "imagens de Odin e Freda„, e a "abraçarem-se„ com... a tolice e o canalhismo?

Oh!... com certeza, o pobre velho morreria uma segunda vez; morreria mesmo *em espirito!*

Homem-Christo, verdadeira antithese d'aquelle que a Egreja Catholica nos descreve, aonde está o teu pundonor e a tua sensatez?

Que espiritto impuro te fez baixar ao mais infimo grau da mentalidade humana?

O meu, não, mas o teu pundonor, meu filho da... mãe, está nos cascos do Cunha e Costa, teu honrado antecessor e gloria tua e da republica... ahi em S. Paulo. Meu grandissimo desavegonhado!

Este inicio basta para demonstrar um idiota e um tratante. Idiota nas suas pretenções a litterato. Tratante em considerar os Cunhas e Costas, os Affonsos, os Franças, os Ribas, os Leitões, os Nettos, os Paduas, *os continuadores de Herculano*, a **raça dos heroes**, e em nos considerar a nós... *homem sem crenças, blasphemo, hypocrita*.

Um refinadissimo tratante! E um grandissimo idiota!

E são todos assim! E' singularissimo! *Deus os fez, Deus os juntou!* E são todos assim, desde Alhos Vedros até ás terras... de Santa Cruz! São todos assim!

Pensarão talvez ss. ss. (refere-se aos srs. Manuel Homem de Bittencourt e Antonio Dias de Mirandeira que haviam feito transcrever e espalhar em folheto dois artigos do *Povo de Aveiro*) que só o espirito de partidarismo me suggeriu essas interrogações que do recanto do meu lar dirigi mentalmente, atravéz centenas de leguas, a esse *democrata sine albi conceptus*, a esse idolo que vêm de adorar?

Puro engano! A reminiscencia d'essas prophecias do Herculano, d'essas palavras do grande mestre que nos indicam a sua presciencia, é que me faz brotar, do intimo d'alma, esse brado de indignação, ao vêr surgir a degeneração que elle anteviu, ao vêr o arrebitar do escalracho por entre as verdejaetes alfombras da Democracia.

O filho da... mãe! Este é authentico! As verdadeiras *alfombras da democracia* são o Padua Correia, o Aurelio Netto, o Arthur Leitão, o Petiz das Gravatas e o Pechuga. E elle, a pastar e a zurrar... nas verdejantes!

O peor é o filho da... mãe, estar a babar o Herculano.

Um idiota. Cretino puro. Esse não nos valeria duas palavras de referencia se o *Povo de Aveiro* não tivésse leitores no Brazil e não fôsse preciso mostrar incessantemente, e a toda a gente, o valor moral e intellectual d'estes tratantes.

As verdejantes alfombras da democracia!

Será elle o Maduro cá d'Aveiro? Não conhecemos, nem de perto nem de longe, o tal F. de Carvalho. Mas o estylo parece o estylo Maduro-André Reis.

As verdejantes alfombras da democracia! O França, a Margarida das Flôres, o Ribas, convertidos... em *verdejantes alfombras da democracia!*

O filho da... mãe!

Em seguida o idiota quer-nos encontrar *contradicções*.

E' uma contradicção termos escripto em tempo que uma das nossas maiores doenças é a preguiça e que nos ficou essa doença d'um longo e profundo predominio clerical; e escrevermos recentemente que *nem a Egreja catholica nega a excellencia dos principios democraticos*, a *Egreja catholica que os tem apregoado muita vez* e que, *pela bocca dos seus pontifices, tem affirmado e vêm affirmando que não é incompativel com a fórma republicana*.

A primeira contradicção com que o idiota nos fulmina!

Não ha que vêr; é o Maduro cá d'Aveiro com o Termónocú a contraponto!

O filho da... mãe!

Segunda contradicção: n'uma carta escripta ao *Seculo* sobre o ensino litterario dos soldados por companhias eu dizia que todo o meu segredo esteve *em querer*. Allegava-se que os sargentos e os officiaes não tinham aptidões para ensinar. Que eram precisas aptidões. Que sem aptidões nada se fazia. Que o ensino por companhias não dava, não podia dar resultado, por esse e outros motivos. Eu, respondendo a varios pontos, respondia tambem a esse, dizendo:

Eu quero. E, deante da minha vontade, desapparecem todos os attrictos, e apparece toda a gente com aptidões pedagogicas. Eu quero, mas quero firmemente, absolutamente, como *se deve querer. E' o meu segredo.* Como o grande mal d'este paiz *é ninguem querer, nem saber querer* coisa nenhuma.

Mas escrevi mais em qualquer parte,—como se sabe escrevi sobre o assumpto, durante annos, immensas cartas a differentes jornaes do paiz—mas escrevi mais em qualquer parte falando da rudeza d'alguns soldados, da difficuldade que havia em os limar, do esforço que n'esse sentido era preciso fazer-se: «Eu bem quero. Eu ensinei o methodo de João de Deus aos professores. Eu vou e venho. Não ha meio. Não são homens, estes alumnos. São pedras.»

Outra contradicção, com que o macaco—sem a menor offensa aos brazileiros, porque o idiota é portuguez—com que o macaco de S. Paulo me fulmina!

Um idiota.

A poucos passos, porém, o *querer*, a *grande* força de vontade do homem esmorece como a flôr no termo da Primavera, a energia da sua alma esfria como os froixos raios do sol no outomno.

Um idiota. E da peor raça dos idiotas. Dos que teem pretenções a litteratos!

Idiota, mas sem deixar de ser tratante. Que em 1891 trahimos o partido. E em 1896 o directorio convidava-me para entrar n'uma nova revolução! E em 1907 o directorio assumia voluntariamente o encargo de resolver a nossa pendencia com o Affonso Costa! O' macaco, então os homens mais eminentes do partido republicano, os marechaes, os chefes, os dirigentes *os alfombras*, eram solidarios na traição! Eram peores que o traidor!

Que tendo sido da Junta Consultiva do Partido (com *p* grande) em 1890, que tendo convivido com os principaes vultos da democracia portugueza, como Latino Coelho, Sousa Brandão, Elias Garcia e outros, que tendo sanccionado os seus actos, agora dizemos mal de nós proprio dizendo mal de José Elias.

Nunca fomos membro da Junta Consultiva, ó macaco, ó malandro! Nunca tivemos a menor solidariedade nos actos de José Elias, ó macaco, ó malandro! Toda a vida combatemos José Elias, ó macaco, ó malandro! Entrámos no directorio em 1891 depois d'uma campanha renhida contra José Elias, contra o grupo de José Elias, vencendo esse grupo e derribando José Elias, ó macaco, ó malandro!

O' macaco, ó malandro, que em vez de te indignares contra o ladrão do Affonso Costa, contra o biltre do Cunha e Costa, contra outros biltres da mesma natureza, só tens indignação e peçonha contra aquelles que põem a lume as malandrices dos quadrilheiros!

O' macaco, ó malandro, ó maduro, ó *verdejante alfombra da democracia!*

E são todos assim, estes malandros. Todos, todos!

Deus os fez, Deus os juntou!

Impagaveis Maduros e Impagaveis malandros

Continua o *Maduro* na sua tarefa de demonstrar, com grande applauso e transcripção do *immundo*, que já dissémos bem de varios magnates republicanos, incluindo Maduro e Termónocú, marechaes em Aveiro.

Não ha duvida nenhuma. Bravo, bravo, seu Maduro!

Já dissemos, já, sim senhor. Mas olhe lá, ó seu Maduro: e você não disse bem de nós? O' seu Termónocú: e você não se esfalfou a deitar os bofes pela bocca fóra a nosso favor? O' seu Margarido: quantas vezes nos elogiou você, seu imbecil?

Eu nunca os vi mais idiotas. Por este principio, e d'esta forma, são elles os proprios a confessar-se em publico... uns grandissimos patifes.

Se nos elogiaram e agora dizem mal de nós!... Estabelecidas as premissas, a conclusão impõe-se: *são, pela propria bocca d'elles, uns grandissimos patifes.*

Com uma differença entre nós e elles. Elles só disseram mal de nós quando nós os corremos a chicote. E nós dissemos mal d'elles... quando lhes vimos a baba peçonhenta.

Ora eis a differença, que é a nosso favor, como se vê.

Outra differença. A nós não foi preciso dizer-se-nos muita vez que o Affonso Costa, o Ribas d'Avellar, o Arthur Leitão, o Padua Correia eram tratantes. Bastou que no-lo dissessem e no-lo provassem uma só vez. A elles prova-se e torna-se a provar, e, depois de provado e mais que provado, elles injuriam quem faz a prova e... continuam abraçados aos tratantes.

Aqui deixam de ser impagaveis *maduros* para se converterem em impagaveis malandros.

E' claro que nós nem lemos o orgão do Maduro. Estamos a fazer obra pelo que lemos no orgão da prostituição barata de Lisboa.

O Maduro não nos vale uma palavra de referencia. Não faltava mais nada que estarmos a dar ouvidos ás palavras do Maduro. Mas como as faz suas o orgão da prosttuição barata de Lisboa, vá lá,— quasi mansamente, tão imbecil é o argumento,— mais dois pontapés na quadrilha.

Quasi mansamente, sim. De facto, alem do argumento ser imbecil, fica demonstrado que a unica coisa que teem a dizer contra nós é isso. Um cão damnado morde-nos. A gente cura-se, mas manda matar o cão damnado porque o cão damnado é um perigo. Aqui d'el-rei que somos um patife porque antes do cão se damnar... tinhamos feito ao cão um ou outro elogio.

Um creado rouba-nos. Uma creada faz-nos qualquer patifaria. Um amigo atraiçoa-nos. Aqui d'el-rei que somos um patife porque tinhamos dicto bem da creada, do creado e do amigo antes do creado nos roubar, do amigo nos ter atraiçoadado e da creada nos ter feito a patifaria.

Uns imbecis.

Depois, a parte interessante já referida: d'elles se revoltarem, não contra os malandros mas contra quem lhes põe, aos malandros, a nu as malandrices.

Que grande quadrilha!

De resto, toda a gente sabe, como já dissémos no ultimo domingo, quanto somos pouco atreito a elogios. Esse Bombardino fazia tudo quanto era possivel para nos attrahir. Temol-o dicto muita vez. E nós, não só resistiamos tenazmente a todas as suas blandicias, como não deixavamos de o censurar quando elle o merecia.

Uma ou outra vez lhe faziamos elogios. Achavamos um erro estar a repelil-o. Mas insistindo sempre em que era necessario dizer-lhe as verdades, como nós lh'as diziamos.

E' engraçadissimo, chega a ser engraçadissimo, o França Borges a gabar-se de que lhe escreviamos e de que nem sequer respondia ás nossas cartas. Engraçadíssimo! Nós a escrevermos ao França Borges e o França Borges... a não fazer caso do que lhe diziamos!

Um imbecil,

A verdade é que nunca fizemos caso de França Borges nem do *Mundo*. A verdade é que se no *Povo de Aveiro* uma ou duas vezes tratámos o *Mundo* com alguma deferencia, foi no periodo em que elle era perseguido, e assim mesmo devido ás instancias de um amigo, o benemerito thesoureiro das Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus, que tanto se esforçava, em cartas successivas, por destruir a natural antipathia que sempre tivemos pelo Margarido. E ainda a instancias d'esse amigo, e só por intermedio d'esse amigo, elle ahi está que o diga, escrevemos no *Mundo* algumas vezes, poucas, *exclusixamente* sobre o assumpto *ensino litterario nos quarteis*, que então nos apaixonava e que era de grande interesse publico.

Uns imbecis, uns grandes imbecis. Grandes malandros, mas grandes imbecis.

Ainda bem que o maior crime que nos imputam é termos dicto bem d'este e d'aquelle antes de os considerarmos uns patifes. E ainda bem que fica provado que os malandros que nos lançam em rosto *esse crime*, se sentem indignados, não por o Affonso Costa e outros serem ladrões provados, mas por nós provarmos... que são ladrões desaforados e patifes.

Uma quadrilha !Uma infame quadrilha!

De Nenhures

23 de setembro

Portanto, meu amigo, ou nós homens nos resolvemos a *parir*—vá lá o termo, c'os diabos, não ha outro—ou acaba-se a humanidade.

Nós temos de parir, temos d'amamentar os meninos, temos de lavar os cueiros, temos d'esfregar as casas e de fazer todos os mais serviços grosseiros, e, ainda, de trazer a madama ás cavalleiras. Ou acaba-se a humanidade.

Não vê na America? Ellas não querem ter meninos. Por um lado não querem. Por outro lado não podem. Ellas não querem fazer serviços grosseiros. Ellas não querem senão luxar. As pobres só pensam em ser ricas. As ricas só querem ser princezas. De maneira que:

Si les Etats-Unis—diz o doutor Félix Regnaul—étaient livrés à eux-mémes, leur puissance et leur grandeur comme nation disparaîtraient vite.

Confiam na emigração. Teem o recurso da emigração. Mas:

La fécondité des immigrés n'est que transitoire; elle s'affaiblit chez leurs descendants. Ceux-ci s'américanisent comme ont fait les enfants des immigrés au XIX.e siècle, comme feront les enfants des futurs immigrés; tous sont soumis aux mêmes influences, au même milieu. Adopter la langue, les vêtements, la nourriture, l'habitation, les méthodes de travail, la culture intellectuelle, morale, politique et esthétique des Américains, c'est en même temps adopter leur nuptialité et leur fécondité. Il n'en serait autrement que si les immigrants formaient une plèbe réfractaire et irréconciliable, ce qui n'est pas. Or une famille a la fécondité, non de la classe sociale à laquelle elle appartient, mais de celle dans laquelle elle s'efforce d'entrer. Le prolétaire américain n'est pas hostile aux bourgeois; il espère un jour devenir lui-même bourgeois. Aussi, en Europe, les classes indigentes sont très fécondes; à Boston, au contraire, les prolétaires ont seulement 3 naissances par mariage, ce qui est la moyenne française.

La vie, telle qu'elle est organisée aux Etats-Unis, est stérilisante. Si elle ne se modifie pas, elle stérilisera et la race anglo-saxonne et les fils des immigrés. Quel que soit l'apport de ces derniers, le peuplement des Etats-Unis restera imparfait, il n'atteindra jamais les 600 milions d'hommes qui, d'après les calculs des chauvins d'Outre-Atlantique, pourraient vivre aisément dans ces vastes espaces. De même les richesses de l'Australie ne seront pas complètement utilisées: car le même abaissement de la natalité existe chez le peuple australien.

O que resalta d'isto aos seus olhos? Veja, pense, meu amigo, que o meu amigo é um homem intelligente. O que resalta d'isto aos seus olhos? Que realmente a nossa civilisação está seriamente ameaçada. Que realmente um mal profundo invade e arruina as modernas sociedades. O gigante tem pés de barro. Ou, por outra, é bem certo que Achilles tem o... seu calcanhar.

Não é verdade? Não é isto o que resalta, nitido, aos seus olhos?

A Grecia chegou a um grau elevado de civilisação. E, de repente, afunda-se. Roma seguiu na esteira d'esse progresso, d'esse esplendor. E, de repente, afunda-se. Dizia-se que era por não estar generalisada a civilisação. Mas eis a civilisação estendendo-se agora por toda a Europa, por toda a America, e já as mesmas causas ameaçam produzir os mesmos effeitos.

Parece que os homens são, definitivamente, como os cavallos. Em lhes saltando o freio da bocca ficam cegos, ficam dodos. Correm, sem verem abysmos, sem verem obstaculos, vão correndo, vão saltando, até que um abysmo mais largo os engole, ou um obstaculo maior os despedaça. E quando não vão contra o abysmo, e quando não se despedaçam no obstaculo, espinoteiam, espolinham-se, folgam, brincam, pastam, mas não querem trabalhar. Se não veem outra vez busca-lo com o freio e o chicote... é cavallinho perdido para a vida e trabalho.

Ah, meu caro, que os homens, definitivamente, são como os cavallos!

Sim, meu amigo, tudo isto é uma mentira. A capa do racional é tão ligeira que ao menor attricto desapparece. Nós temos um simples verniz, um ligeirissimo verniz, de racionalidade. Por baixo está uma camada profunda, profundissima, d'animalidade.

Veja, que esse espectaculo da America encerra uma outra grande lição. E' sobre essa que eu quero, sobretudo, chamar as suas attenções.

Sabe qual é? E' a mentira democratica. Uma grande mentira, meu amigo. Uma das nossas illusões. Tantas vidas consumidas, tantos sacrificios, tantas luctas... para quê? Para chegarmos a concluir que é tudo uma mentira, que é tudo uma illusão.

Os costumes patriarchaes acabaram. A simplicidade de costumes desappareceu. As mulheres não querem encargos, como vê. Não querem trabalhos. Não querem maçadas. Como vae longe o tempo de fiar na roca, e de dar de comer ás gallinhas e aos porcos! O que querem as mulheres? Ser ricas. Para quê? Para luxar. Para gosar. Para esconderem a origem plebeia por todas as fórmas. Por todas as fórmas! Eil-as ahi na America começando por fugir aos trabalhos grosseiros e acabando... por comprar a peso d'oiro na Europa malandrões que lhe dêem titulos fidalgos.

São assim na America. São assim na Europa. São assim em toda a parte.

E são assim os homens. Pois quem faz a mulher senão o homem? Ellas andam para ahi a prégar emancipação, coitadas, e a clamar que a obra da emancipação ha de ser obra d'ellas. Obra dos homens, não é d'ellas. São elles, os insensatos, que teceram e tecem com as suas proprias mãos a corda que os ha de enforcar.

São assim as mulheres e são assim os homens. São elles que as empurram para a ociosidade, para o goso. São elles os primeiros a querer esconder as marcas do plebeismo deshonroso. Evidentemente, é d'accordo com paes e irmãos, e amigos e conhecidos, que as grandes millionarias americanas veem comprar á Europa titulos e pergaminhos fidalgos. Não ha duvida nenhuma. E vê-se por ahi que quando elles, os machos, compram castellos e equipagens, é para se darem ares, simplesmente, de grandes fidalgos. E' a imitação do antigo regimen, não é mais nada. Não é o goso do bello castello ou da rica equipagem. E' a vaivaidade, a espantosa vaidade humana, a darlhes a impressão do fausto do velho regimen do absolutismo fidalgo.

O que, de resto, parece ser uma corrente invencivel na desditosa humanidade. Veja os nossos democratas, aqui mesmo, em Portugal. O que é essa mania do duello no pobre plebeu de França Borges, no cocheiro—que todo o temperamento d'esse homem é o d'um cocheiro brutal—no cocheiro Affonso Costa, no campino Dantas Baracho? E' a mania fidalga.

Não vimos nós Bombardino, na festa das medalhas, a celebre festa das medalhas, dar beijamão *ao seu povo*, e não vimos nós João Chagas, que reputava indigno o beijamão real, exaltar o beijamão presidencial?

O que é essa loucura de Bombardino por acclamações, por exaltações, por *dignificações*, apotheoses da sua pessoa, da sua grandeza, senão uma mania fidalga?

O que são todas essas festas d'egreja do partido republicano, toda essa creação de centros com o nome d'este e d'aquelle,—não ha fiel patife que não dê já o seu nome a um centro republicano—senão manifestações da vaidade, da aspiração, da mania fidalga?

A democracia, com a sua base essencial de egualdade, de simplicidade, é uma das maiores illusões da humanidade.

Tenho aqui em Aveiro um padeiro que eu conheci de pé descalço. Enriqueceu. E logo que enriqueceu quiz *dom*, para a mulher. E logo que enriqueceu passou a almoçar ao meio dia e a jantar ás sete horas da tarde, como sua majestade. E logo que enriqueceu falou aos creados com voz grossa e ar de soberana superioridade. E' analphabeto. Ou pouco menos. Antes fosse analphabeto! Não fazia rir a gente quando escreve. Não tem idéa nenhuma de republica. Porque é elle republicano? Não é por amor da moralidade. Elle enriqueceu *mandando para casa do diabo a moralidade*. Elle exalta Affonso Costa, sem se importar com a *moralidade*. Não é por amor da patria. A patria, é manifesto, não ganharia nada com o triumpho da quadrilha que ahi está. Não o é por amor das idéas. Elle não tem idéas. Elle conhece a philosophia do urso, nada mais. Porque é, então, republicano? Por aspiração fidalga. Parece um paradoxo, mas não é. O meu amigo bem sabe que muitos e muitos d'esses brutos só são republicanos por aspiração fidalga. Querem dominar. Querem figurar. Os que dominam, os que figuram affrontam as suas presumpções fidalgas. Querem-nos abater, não para estabelecerem o regimen democratico, o regimen da egualdade, mas para elles dominarem. Teem odio ao rei, porque nenhum d'elles pode ser rei. Ha muita gente que só tem odio ao rei por não poder ser rei. Não concorda? Pois olhe que isto é uma grande verdade.

De toda essa multidão, alta e baixa, que se agita ahi a berrar por republica, não escolhe o meu amigo cem pessoas que tenham, não verdadeiros sentimentos democraticos, porque isso ninguem tem, mas, ao menos, principios definidos e regulares sentimentos democraticos.

Não vê os anarchistas? Qual é o artigo mais importante do credo anarchista? E' guerra á auctoridade. Mas como pode deixar de subsistir a auctoridade?

E' uma coisa que eu discuto commigo proprio a toda a hora.

Ha dias vi eu uma teima entre dois homens. Tenho visto muitas. Mas esta, por ser mais recente, despertou o meu espirito, a minha curiosidade. Não vale a pena trazer para aqui o objecto da questão. Basta dizer-se que um ateimava intelligentemente. Outro ateimava estupidamente. Pergunto: dado um conflicto entre as duas opiniões oppostas, que fazer? Fica cada um com a sua opinião? Não pode ser. Está trabalhando uma machina e está trabalhando mal. Uma cozinheira está fazendo mal o cozinhado. Um typographo está paginando mal um jornal. Um marceneiro está montando mal um traste, ou um carpinteiro unindo mal as peças d'uma porta. Vem o patrão, vem o dono da casa, vem o proprietario da machina, vem o director, vem o camarada, vem o interessado e diz: "Isso não está bem„. O outro objecta: "Está bem.„ O serviço tem de se fazer. Não se pode pôr de parte. Não pode ficar esperado. Ou tem de se fazer bem, ou tem de se fazer mal.

Vae-se chamar um arbitro? Estavamos bem arranjados a chamar arbitros para tudo, a toda a hora. Então... subsiste uma vontade, uma das duas vontades. E se subsiste... subsiste o espirito d'auctoridade.

Meu amigo, o mal é este. O homem oscilla sempre entre duas forças: a força do animal e a força do espiritual. Uma das forças domina notavelmente a outra? Perdeu-se o equilibrio.

Qual d'ellas triumpha n'este instante, n'esta altura de civilisação? E' a força espiritual sobre a força material ou animal, ou é a força animal sobre a força espiritual?

E' a força animal sobre a força espiritual. E' o individualismo *à outrance*. O individuo põe a sua conservação, o seu prazer, o seu interesse, o seu egoismo acima de tudo. O egoismo excedeu as proporções naturaes. Saltou as barreiras. Trasbordou. A civilisação succumbe. Sucumbiu sempre em circumstancias identicas. E sem as camadas brutaes que veem das selvas, sem as sacudidelas d'um egoismo não menos feroz, mas mais em harmonia com as regras da natureza, regras que a civilisação chega a obliterar, sucumbiria a propria humanidade.

Singular zombaria do destino: a isto conduziu... a democracia egualitaria!

C.

O Cornetim da Margarida

No *Cornetim da Margarida* assopra indignações um correligionario d'Alcacer porque alguem *que foi republicano, e depois progressista. e agora é franquista* mandou exemplares do *Povo de Aveiro* a todos os republicanos d'aquella villa.

Fez elle muito bem. E' preciso dar em doidos com esses malandrins. Chegar-lhes por todas as fórmas. Arrelia-los. Endoídece-los. Ora elles endoídecem com o *Povo de Aveiro*. Não ha nada que mais os arrelie. Então, *Povo de Aveiro* para cima! Cheguem-lhe *Povo de Aveiro* ao nariz!

Commenta o *Cornetim da Margarida* que o *Povo de Aveiro* é hoje o evangelho da monarchia e que, como tal, é mandado *gratuitamente* para todos os recantos do paiz.

Ahi é que te enganaste, meu menino. Lá se é evangelho ou não, não sabemos. Elle não tem muito feitio para evangelho. Chicote é que tu querias dizer, ó Margarido. E' o chicote da monarchia? Pois olha que tem juizo a monarchia, Margarido.

Tem juizo a monarchia!

De resto... arrieiros somos, na estrada andamos. Vocês serviram-se da monarchia contra nós? Pois ficou em aberto essa divida. Está-se pagando agora, Margarido!

Portanto, chicote, sim senhores. Mas lá de graça para todos os pontos do paíz... nicles.

Não vae de graça, não, Margarido! Querias-lhe dar essa côr? Tira lá o cavallo da chuva, malandrete! Não vae de graça. Vae por venda avulsa e vae por assignatura. Para todos os pontos, para todos os cantos do paiz. Para todos, não ha duvida! Não tardará que tenha mais tiragem que o teu *immundo*, ó Margarido. Não tardará !!

De graça, só para os freguezes das *incursões* e para arreliar os correligionarios. Mas não mandados por nós. Não senhores, lá isso não. Comprados, aqui, por quem os quer comprar para espalhar.

Mas é boa idéa, muito boa idéa, endoidecer com o *Povo de Aveiro* os correligionarios!

Muito boa idéa!

Outra vez Dantas Borracho

Terceiro artigo, no *immundo*, o ex-Dantas Borracho. Quer saber porque não falâmos nos adeantamentos, feitos á custa da miseria publica, ao rei D. Carlos.

Por um motivo muito simples. Porque o rei D.Carlos *já pagou*. E quem ainda não pagou foi você, Dantas Borracho.

E' extraordinario o seu atrevimento, Dantas Borracho!

Você foi auctor e cumplice de todos os abusos, de todos os escandalos, de todos os roubos, de todas as poucas vergonhas que conduziram a essa *miseria pnblica* que desata agora *a lamentar*. O que fez você durante tantos annos? O quê, senão apoiar, senão applaudir, senão explorar a podridão monarchica?

Fala você em leis do reino, em liberalismo, em clericalha! Mas quaes leis do reino? Mas qual liberalismo? Mas qual clericalha, se você, com Pimentel Pinto e Queiroz, foi exactamente um dos elementos de *força*, um dos *esteios militares*, em que se apoiou a monarchia para forjar as *peores leis*, para praticar os *peores actos*, no periodo mais ominoso do regimen pessoal?

Onde ficaram, durante esse periodo e antes d'elle, na epocha das vaccas gordas, das portarias surdas, das hetairas, do compadre Tavares, primeiro, dos adeantamentos, das arbitrariedades, do despotismo, depois, onde ficaram os seus protestos? Que é d'ella a sua acção jornalistica, a sua acção parlamentar contra a serie de attentados de que resultaram as leis liberticidas, contra a serie de patifarias de que resultaram os adeantamentos e outros abusos e roubos d'essa laia?

Você gosou, você explorou, você comeu, como todos. Não precisou de adeantamentos? Nem por isso deixou de gosar, de comer, de explorar. Você gosou, você explorou, você comeu, como todos. Fartou-se de comer, de gosar, de explorar. Se não teve adeantamentos, em compensação teve a maior impunidade n'uma vida libertina, escandalosa. E só depois de estar farto de comer, de gosar, de explorar, de affrontar a moral e o decoro publico, de exgottar uma vida de pandegas e de vicios, é que se lembrou de protestar.

O rei pagou. Pagou com a vida. E você não só não pagou como apparece a sentenciar. Ora se ha coisa vil no mundo, vil e revoltante, é essa: um réo a sentenciar. E' o papel que você faz, que você vem fazendo ha tempos n'esta sociedade, Dantas Borracho.

Você é condestavel de Bourbon. Quando muito, é condestavel de Bourbon. Você não é Bayard, Dantas Borracho.

Você abandonou o rei, quando não lhe satisfizeram a vaidade. Mas nem então teve a elementar dignidade de assumir uma attitude declarada. Passou a viver em mancebia republicana, depois d'um desordenado matrimonio monarchico.

Cale a bocca, que você não tem nenhuma auctoridade. Nem nenhuma capacidade. Não são os galões que dão ou tiram auctoridade, nem os conselhos de disciplina, creados, inquisitorialmente, infamemente, para fuzilar pelas costas *os adversarios*, com o seu apoio, quando você era esteio do poder pessoal, nem são os conselhos de disciplina que dão ou tiram capacidade. Principalmente quando são constituidos por generaes da sua laia.

Cale a bocca, que você pode ter pulmões para falar grosso ou pulsos para dar soccos ou paulada, mas não tem *nenhuma auctoridade*.

TERMÓNOCÚ

Temos em nosso poder uma carta que nos enviou sua excellencia Termónocú, mui digno marechal do partido republicano, dignissimo presidente do centro republicano d'Aveiro, vice-presidente do partido n'esta localidade, partindo a vice-presidencia com Maduro, orador sagrado e consagrado em todas as reuniões democraticas da cidade, etc., etc., etc.

Vamos a ver se no proximo numero temos espaço para a publicar. Hoje não temos, de que pedimos muita desculpa a sua excellencia.

Vendido... á reacção

Mas afinal a quem estamos nós vendido? Ora é aos progressistas, ora é aos franquistas, ora é á reacção clerical.

Vejam lá se resolvem isso depressa. Que sucia d'imbecis!

Porque ha uma coisa interessante, interessante e importante, que os leitores devem notar. Nós damos aqui bordoada de cego na quadrilha republicana. E' ás mãos ambas. E' a cahir. Como toda a gente vê! Nós não nos limitamos a accusações vagas. Nós precisamos as accusações. Nós detalhamos e accentuamos factos.

Comprehende-se que, n'estas circumstancias, os republicanos nos tenham um odio terrivel. E que o teem não ha duvida. Toda a gente vê. Tendo-nos os republicanos, os quadrilheiros, um odio terrivel, acredita-se—não custa nada a acreditar—que elles não nos poupem. Acredita-se—ainda não custa nada a acreditar—que elles busquem e rebusquem as peores coisas para nos atirar. Ora o que buscam elles, afinal? Com que nos atiram elles, afinal?

Coisas vagas. Os leitores teem vísto. Não obstante, a *tudo* temos respondido. A tudo. E d'uma forma cathegorica. Desfazendo calumnias e mentiras. Por mais vagas e indeterminadas que ellas fossem.

Que mais resta?

Que somos vendido! Essa é velha, quasi tão velha como nós. Parece-nos que nos começaram a accusar de vendido ao governo pouco depois de termos nascido! Ha mais de vinte annos, como os leitores teem visto pelas transcripções dos velhos artigos do *Povo de Aveiro*, que elles nos accusam, *furiosamente*, de *agente da monarchia*, de *vendido ao governo*. E depois de nos terem accusado de vendido ao governo... elegeram-nos membro do directorio, e cem vezes nos consultaram sobre as suas questões politicas, e nunca deixaram, até á patifaria Affonso Costa, de nos convidar para os seus congressos, e por todas as fórmas procuraram attrahir-nos, de novo, ao seu partido. Creaturas honradas!

Que somos vendido! E' o que resta contra nós!

Não ha mais nada!

Que somos bufo. Oex-Dantas Borracho, que gosou as podridões monarchicas até ser general, que só appareceu catão quando estava proximo a general, que até general mamou todas as commodidades, todos os favores, todas as benes-

ses monarchicas, sem falar já na impunidade, até diz que somos bufo! O idiota! Mas bufo para quê? Para quê, em Aveiro? Para vigiar e denunciar o Termónocú e o Maduro?

Idiotas!

Mas bem. Somos vendido á reacção. Ora vendido, repetimos, aos franquistas, ora vendido aos progressistas, ora vendido directamonte ao Paço, ora vendido á reacção ultramontana. Agora é á reacção ultramontana, é ao jesuitismo, é aos padres.

Ora já que se fala em reacção ultramontana, já que se diz que estamos vendido á reacção, vem a proposito publicar dois documentos interessantes, identicos a muitos outros que, da mesma origem, temos recebido e conservamos.

Mas vejamos esses, que são typicos. Temos *muitos* identicos, outra vez o dizemos, e da mesma origem. Mas vejamos esses, que são modelares, que são typicos. Um recebido ha tres meses. Outro recebido ha seis dias.

Eis o primeiro:

Posto tenha adoptado como norma invariavel nunca assignar periodico ou publicação, chamada liberal ou anticatholica; e apesar do semanario *Povo de Aveiro*, que V. redige, não ser catholico e sustentar opiniões de que discordo, desejo todavia assigna-lo, porque diviso n'elle um cunho de franqueza e sinceridade que se impõe ao homem de bem, e o torna, a meu ver, um dos mais valiosos defensores da causa da ordem contra os agitadores perversos e perigosos para a sociedade portugueza.

Admiro em V. o *homem de caracter*, que para mim é o verdadeiro homem; o que o não tem é uma deformação da obra de Deus. E como as ruins paixões avassalam hoje a nossa sociedade, a que minga a necessaria educação, d'ahi serem tão poucos os *homens de caracter* e tão grande a corrupçao d'elles. Esta profliga V. e a escalpella, e nunca as mãos lhe dôam, e por isso lhe dou os parabens, e faço votos para que *ad multos annos* continue sendo o chicote dos trampolineiros e o vingador da verdade e da moral, ultrajada pelos corruptores d'ellas, onde quer que appareçam.

Ambos queremos o bem e regeneração d'esta infeliz patria, pela honra, pela verdade, pela illustração e pela justiça: eis o ponto de união; v. espera-a ou pede-a sómente ás forças do homem, sómente; eu entendo que o homem, sós por sós, sem tomar por base a lei de Deus, nunca o poderá conseguir. O homem sem Deus é o *lupus*, com Deus *agnus*: eis o que nos separa. Unimo-nos para o fim: divergimos nos meios: no entanto a communidade do fim merece-me sympathia e por isso me associo, quanto em mim cabe, á sua tarefa de combater os homens publicos, inimigos da patria, desmascarando-os, no que faz obra meritoria.

Sómente desejarei que da critica que haja de fazer o seu *Povo de Aveiro* de coisas e pessoas da Egreja, de que sou indigno ministro, eu não depare motivo que me force a retirar. Não que eu opine que não haja muito a lastimar e mesmo a chorar nas *pessoas* da Egreja, mas o que magua é ver que se confunde a santidade da instituição com a ruindade ou a fraqueza dos seus membros. Aquella é sempre boa, porque obra de Jesus; estes é que muitas vezes são maus, porque dominados pelas más paixões.

Assim procedem os *escribas*; mas como tenho a V. como *escriptor*, convencido estou de que nunca em seus escriptos terei o desgosto de o ver descer do elevado pinaculo da critica imparcial até ao raso dos engajados da imprensa.

Como sei que me dirijo a um homem sincero e franco, julguei em bem usar de egual franqueza e sinceridade; nem da confissão peço desculpa, porque tenho por certo lhe será antes de aprazimento.

Eis o segundo:

Ha mais de vinte annos que conheço o seu nome, lendo sempre com interesse qualquer referencia a V. que encontro nos jornaes.

Sou monarchico, V. é republicano; sou catholico, sou um parocho, V., infelizmente, segundo me consta, é atheu; mas espero que Deus, attentas as excellentes qualidades naturaes de V., ha de permittir exhale o ultimo suspiro na sua divina graça.

Embora tão diversos em politica e religião, ha um terreno em que nos damos as mãos, em que combatemos lado a lado como irmãos—guerra implacavel ao lamaçal em que chafurda a politica portugueza.

Como estas cartas, approximadamente, temos *duzias d'ellas*, de padres portuguezes. E isto, que fará vociferar ou rir a jacobinagem imbecil ou pulha, fará reflectir seriamente os poucos republicanos atilados que porventura ainda haja no paiz. E fa-los-ha reflectir sériamente porque:

1.º Demonstra nos mais catholicos, nos padres mais profundamente crentes do clero portuguez, um espirito de tolerancia, um alto espirito de tolerancia, que tem sido para nós proprio uma revelação.

2.º Demonstra no clero um fundo de seriedade e de amor patrio que não tem deixado, tambem, até certo ponto, de nos surprehender.

3.º Demonstra quanto tem sido errada, quanto tem sido funesta, aos interesses do proprio partido republicano, a politica de *quadrilha* que elle tem seguido até hoje. Com uma politica de verdade, de justiça, de moralidade, de larga tolerancia, de larga e verdadeira liberdade, elle teria as forças populares que possue, com a enorme vantagem de as ter moralisadas, educadas, e teria tambem as forças conservadoras, clero, exercito, etc., que a sua tremenda immoralidade, o seu baixo e estupido espirito de seita não só afugentou, como converteu em adversarios formidaveis.

Foi para demonstrar esses tres factos importantissimos, que publicámos as duas cartas que se lêem atraz.

Toda a nossa influencia na sociedade portugueza, já hoje grande, é *impessoal*. Profundamente *impessoal*. Não fazemos *favores a ninguem*, não pomos a nossa penna *ao serviço de ninguem*, não adulamos, não lisonjeamos, como já temos dicto, *nenhuma classe*, *nenhum individuo*, por meio d'este jornal. Somos, n'esse ponto, tudo quanto ha de mais *bravio*, de mais *rude*.

Vivemos completamente isolado. Não temos intimidade com ninguem.

Donde vem a nossa influencia, a nossa incontestavel influencia? Da nossa sinceridade.

Que estamos vendido á reacção! Estamos, da forma que fica visto. Nunca desmentimos, nem por palavras, nem por factos, um só dos nossos principios democraticos. Nem em politica nem em religião. Combatemos vivamente uma quadrilha, uma infame quadrilha, que, usurpando um nome de que é indigna, que lhe não pertence, que lhe não pode pertencer, que representa n'ella, como tudo, uma revoltante hypocrisia, se diz republicana. Mas... emquanto elles vivem e teem vivido, quasi todos, dos favores da monarchia, nós nada devemos á monarchia. Emquanto elles, quasi todos, teem vivido vida regalada, nós temos vivido vida attribulada. Emquanto elles, quasi todos, são funccionarios da monarchia, e teem seguido as suas carreiras, não só poupados, como pela monarchia auxiliados, nós, tendo trabalhado sempre o triplo do que elles trabalharam, sem termos tido, jámais, na nossa vida, uma unica conezia, antes dando sempre, ao Estado, em trabalho, valor muito superior ao que d'elle recebiamos, ficámos com a nossa carreira inutilissda. Emquanto elles, a prégarem o livre pensamento e a clamarem contra os padres, vão á egreja receber os sacramentos, nós ficámos sempre livre pensador, em idéas politicas como em idéas religiosas onde estavamos. E, comtudo, o clero, usando de tolerancia egual á nossa, que o honra a elle e que nos honra a nós, repelle os charlatães, os indignos charlatães que clamam contra a egreja e vão á egreja, e não hesita em prestar homenagem á sinceridade d'um adversario inabalavel.

Isto diz muito. Não diz nada para o sectarismo estreito, porque esse é mudo e cego, sempre foi. Mas diz muito, diz muitissimo, para os homens de bom criterio e intelligencia clara.

Tem-se desaproveitado n'esta terra elementos de primeira ordem. Tem-se perdido forças enormes. O que seria esta patria, o que teria sido, se os politicos houvessem posto um boccadinho de verdade, uma pouca de intransigencia honesta nos seus actos! Se algum d'elles houvesse sabido levar a confiança, a confiança e o estimulo e o alento, a tantas almas puras que ha por esse paiz fóra! Os serviços, os extraordinarias serviços que o partido republicano, se *fora um partido*, haveria prestado a esta patria!

E digam lá que estamos vendido á reacção. Pouco importa.

Correios

E' uma das coisas mais escandalosas d'esta terra. Escandalosa não só pelo desleixo, não só pela falta de obediencia aos regulamentos, á lei, como pelo proposito, pelo acinte de prejudicar.

Além de todas as pragas já conhecidas, mais uma appareceu nos correios. Como, de resto, em toda a sociedade portugueza. Sabem qual é? Já sabem, certamente. E' facil advinhar. E' a *demagogia desenfreada*.

Innumeras queixas recebemos de todos os pontos do paiz contra a hostilidade do *elemento demagogico* dos correios aos *thalassas* e quantos não pertencem á seita... iacobina. E' uma coisa interessantissima, e que só em Portugal se vê: os empregados do estado monarchico a conspirarem abertamente... contra os monarchicos!

Abertamente, descaradamente, até insolentemente. Isto nunca se viu senão... n'este paiz abençoado!

Recebemos innumeras queixas contra essa pouca vergonha e é-nos muito facil acredita-lo pois que tambem somos victima... da mesma pouca vergonha!

Não somos monarchico. Mas para os quadrilheiros republicanos é peor que se o fossemos. Teem-nos mais odio a nós, movem-nos mais hostilidade que contra os proprios monarchicos.

Ainda hontem recebemos uma carta, que mandámos ao sr. Director Geral dos Correios, em que um assignante do Ribatejo, queixando-se-nos de extravios e repetidas demoras na entrega do *Povo de Aveiro*, nos dizia: "Desconfio muito dos exemplares serem extraviados em S. E. concelho de B. porque o encarregado do correio é um quadrilheiro da escola do Affonso Costa e não vê com bons olhos esse jornal. Ha occasiões em que recebo o *Povo de Aveiro* á segunda-feira; mas já tenho chegado a recebe-lo á sexta, com o carimbo do correio de B. Logo a demora é em S. E.„

Um dia d'estes appareceu-nos aqui um recibo de cobrança d'um assignante de Braga com esta nota: *Apresentado ao proprio declarou que não era assignante de tal jornal.* Costumado já a poucas vergonhas identicas, escrevemos ao assignante, que poucos dias antes havia pedido o jornal. Nem só não lhe tinha sido presente recibo nenhum, como nem sequer estava em Braga!

E como este caso muitos, que temos submettido á apreciação do sr. Director Geral, e que sua ex.ª, diga-se a verdade, tem apreciado e resolvido com justiça.

De Aveiro... nada diremos. Nada diremos! Até vêr! Mas o elemento *jacobino* cá está! E muito nosso amigo!

Mas metteu-se com *má pessoa*. Não tão má que podendo já hoje dizer muita coisa não se reserve para o primeira.

Mas á primeira... paga-se o capital e os juros vencidos.

VÁRIA

As descobertas sensacionaes de Cook e de Peary nas regiões arcticas fixam a attenção universal sobre a questão da conquista de Porto Norte. Ha pouco mais ou menos quatro seculos que o problema desperta interesse. Já em 1498 Sebastião Cabot, d'origem italiana, como Christovão Columbo, e seu contemporaneo, intentou uma primeira viagem ao oceano arctico por conta de Eduardo VI, rei d'Inglaterra. Dois annos mais tarde o nosso Corte Real, que descobriu a Terra Nova e a Groenlandia, tentou a descoberta da passagem noroeste. Em meados do seculo dezeseis, sir Hugh Willoughby e Richard Chancellor abriram o caminho do nordeste. Davis em 1857, Hudson em 1610, Baffin em 1622 penetraram nas bahias que receberam os seus nomes. Todos alimentavam a esperança d'abrir uma passagem á navegação por noroeste. Os inglezes enthusiasmaram-se com esses projectos. O parlamento offereceu varias vezes sommas a quem resolvesse o problema. O capitão Cook, em 1776, depois os capitães Ross, Parry, Back, disputaram a recompensa nacional com successos relativamente importantes. A mais memoravel d'essas expedições foi a de Sir John Franklin, que, de 1818 a 1845, se obstinou na empreza, na qual, por fim, perdeu a vida. Só em 1879 Nordenskgold com o Vega descobriu a verdadeira passagem do nordeste, tendo tido esse acontecimento um grande echo.

A partir de 1800 houve 476 expedições ao Polo Norte, das quaes 107 devidas á iniciativa ingleza, 105 á Russia, 74 aos Estados Unidos, e as outras aos paizes escandinavos, á França, á Allemanhá, á Italia.

Ha quarenta annos para cá, sobretudo, o Polo Norte exerce sobre a audacia dos exploradores uma influencia fascinadora. A lista das expedições que se teem succedido desde 1870 até 1909 é quasi interminavel. Indicaremos as principaes. Em 1871 Julius Von Payer descobre a Terra Francisco José. No mesmo anno Leigh Smith attinge 81º 24' de latitude. Em 1873 Nordensljold faz a sua primeira tentativa. Em 1875 Nares e Stephenson chegam com o *Alert* e o *Discovery* até 83º 20'. Em 1879 Nordenskjold obtem a sua brilhante victoria. Do 1880 a 1881 vem a segunda e terceira viagem de Leigh Smith e em 1884 a fatal expedição de *Jeannett*, com Delong. Em 1893 Nansen chega com o *Fram* a 86º14'; em 1893 Peary e sua mulher deixam pela primeira vez os Estados Unidos para irem em busca do Polo; em 1894 Falcon encontra-os para se perder elle proprio no anno seguinte, encontrando a morte. Em 1897 Andrée sonha chegar ao Polo em balão e desapparece sem deixar signal algum atraz de si. Só tres annos depois se descobre um vestigio da sua passagem. Em 1898 Sverdrup, um companheiro de Nansen, continua a obra d'este com o *Stella Polaris*, chega até 86º33'49"; em 1902 Peary renova a sua tentativa mas é detido pelos gelos; em 1905 chega com o *Roosevelt* a 87º6'; parte de novo em 1908 e chega triumphante em 1909. No intervallo, Amundsen passa o noroeste, em 1906.

—†—

Novo explosivo

Acaba de se descobrir na Allemanha um novo explosivo ao qual se deu o nome de *ammonal*. Este explosivo tem a vantagem de só explodir com um percursor especial, que torna todos os accidentes impossiveis.

Do mal o menos.

E' uma mistura de nitrato d'ammonio e aluminio em pó fino. Pode-se-lhe diminuir ou augmentar a força variando as proporções dos elementos, e tornal-a assim equivalente á da nitroglycerina a mais activa ou á polvora mais fraca. O *ammonal* torna-se d'esse modo particularmente util em todos os trabalhos mineiros, na extracção do carvão e da ardosia, que requer explosivos d'um effeito lentamente progressivo, e na extracção do oiro, que reclama precauções particulares. No ammonal, o aluminio pulverisado incendiando-se apodera-se do oxigenio do nitrato d'ammonio e os gazes operam a expansão com uma força explosiva consideravel. Outra vantagem do ammonal está na absoluta segurança que elle dá aos operarios. Pode ser armazenado sem nenhum perigo e resiste a todas as influencias de temperatura. Basta conserval-o em logar secco. Fizeram-se com o ammonal varias experiencias. Um pacote de kilo e meio foi lançado no fogo. Ardeu o pacote, simplesmente. Não houve explosão nenhuma. Collocaram-se dois kilos e meio em cima d'um carril do caminho de ferro. Passou-lhe a locomotiva por cima. Não houve explosão nenhuma. Descarregou-se um revolver á queima roupa sobre kilo e meio de ammonal. Não houve explosão nenhuma. Emfim, o ammonal só pode explodir com um percursor especial. O que representa uma vantagem d'alcance extraordinario.

—†—

A destruição do joio

O grande flagello da agricultura são as ervas más. Teem-se empregado muitos procéssos na destruição d'essas ervas. Mas todos elles teem o inconveniente de prejudicar tambem as ervas boas. Agora está-se empregando na destruição do joio uma vaporisação de sulfato de cobre e bichloreto de mercurio. As ervas más, sobretudo o joio teem folhas largas e rudes, ao passo que as de trigo e outros cereaes são estreitas e macias. A solução chimica empregada na vaporisação é de tal natureza que as folhas largas e porosas das ervas más absorvem o bastante para ficarem destruidas, ao passo que o liquido corre ligeiramente sobre as ervas boas sem lhes causar prejuizo. A vaporisação, feita por meio d'um apparelho especial, é applicada quando as ervas e os cereaes estão tenros, e não teem mais de 10 a 20 centimetros de altura. Tanto as ervas más como as ervas boas ficam com a parte superior do caule ennegrecido, mas isso desapparece ao fim de dois ou tres dias, periodo no fim do qual as ervas más começam a estiolar visivelmente.

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 10 d'outubro proximo, pelas 11 horas da manhã e á porta do tribunal judicial d'esta comarca, se ha de proceder á arrematação em hasta publica, a fim de ser entregue a quem maior lanço offerecer acima da quantia de 350$000 reis, conforme foi deliberado pelo conselho de familia no inventario orphanologico a que se procede por obito de Maria da Purificação, tambem conhecida por Maria de Jesus, viuva, moradora que foi na villa e freguezia d'Ilhavo, e em que é inventariante José Fernandes Panacho, filho da fallecida, solteiro, de maior edade, residente no mesmo logar, do seguinte predio: Uma casa assobradada, sita na rua Direita, da villa de Ilhavo. Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante. Pelo presente são citados quaesquer crédores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos querendo.

Aveiro, 15 de Setembro de 1909.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Ferreira Dias.

O escrivão do 5.º officio,

Julio Homem de Carvalho Christo.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

LARGO DE MANUEL MARIA

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS . A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas*, *tapetes reposteiros*.

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

O Povo de Aveiro

Vende-se

LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça, do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella, 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro 9 e 10

MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100

COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27

ALCOBAÇA—Antonio Vazão.

GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp

CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.

PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.

VENDAS NOVAS—Francisco Pinto Ferreira.

SETUBAL—Manuel Tavares.

ARRONCHES—Miguel Maria.
ESPINHO—Kiosque Reis.
MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.
VIZEU—Agostinho da Costa Campos, Rua do Arco 85
CHAVES—Annibal de Barros.
VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.
EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.
CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.
EGUENGOS DE MONSARÁS—R Antonio João da Cunha.

TYPOGRAPHIA
DE
O Povo de Aveiro
RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa Bauer & C.ª, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa Bauer e da casa franceza Turlot, orlas e vinhetas decorativas Turlot, Berthold, de Berlim, e de Klinkhardt, de Leipzig, machinas d'impressão, de picotar, d'aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães Albert & C.º, de Frankenthal, Ingenfrost, de Leipzig, Dietz & Listing, de Leipzig, com uma espiendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, como livros, revistas, jornaes, prospectos, cartazes, facturas, circulares, etc.

Toda a correspondencia dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario, director e administrador do POVO D'AVEIRO.

HOTEL CYSNE

Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)

AVEIRO

Proprietario-Gerente

ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO